

## OPINIÃO

RÚSSIA E SEUS  
ESPINHOS

José Sarney

Fui o primeiro mandatário do Ocidente a ser recebido por Gorbachev, depois que ele assumiu a presidência da antiga União Soviética.

Eles ainda não tinham organizado nem sabiam a rotina do protocolo, acostumados a dar preferência ao secretário-geral do Partido Comunista, onde estava o poder, na velha ordem. A figura de um presidente chefe de governo era grande novidade.

Tivemos uma audiência privada, de três horas, eu e ele e os dois intérpretes. Era um homem de idéias arrumadas e sabendo que a sua missão era a de se pular o socialismo (de Estado), buscando compatibilizá-lo com a democracia. Contudo, ele não sabia o que viria nem a velocidade do que viria. Soltava o tigre da jaula e o resto viria no imprevisto de todas as mudanças.

A *glasnost* previa uma abertura gradual que não ocorreu. Tudo desabou e, logo, numa velocidade surpreendente, ruía o império comunista com a mesma rapidez com que acabara o czarismo.

Minha visão foi, àquele tempo, a de que, realmente, a União Soviética estava com os dias contados. Encontrei, ali, a existência de dois países. Um, do Primeiro Mundo, ligado à defesa, ao estabelecimento militar e com tecnologia de ponta; e outro, o país civil, um misto de Terceiro Mundo, de pobreza, de desorganização, de corrupção e de inviabilidade. Nada funcionava. Era uma bagunça administrativa, onde a burocracia era tudo, pois tudo pertencia ao Estado. Em São Petersburgo, então Leningrado, encontrei o Comitê que governava a cidade, com quinze prefeitos, um deles encarregado de abastecimento das batatas, importante alimento para os meses de inverno.

O Ocidente não teve uma estratégia para suas relações com a Rússia, depois do terremoto político. Os Estados Unidos mantiveram sua política de incentivos e sanções, deixando as coisas correrem, sob controle. Eles sabem que a Rússia tem um destino mundial, será sempre um concorrente poderoso que não vai desaparecer por causa do desastre do comunismo.

Há quatro anos, em Xangai, numa conferência da qual participei, Henry Kissinger fez uma palestra sobre a segurança mundial, depois do fim da guerra fria. Falou com firmeza da vocação expansionista da Rússia, uma cultura histórica, que iria continuar, tendência que vinha desde a Santa Rússia czarista, incorporando territórios e anexando nações. Na verdade quem estava no poder na extinta União Soviética era o estamento militar numa mistura com a burocracia do Partido Comunista, a classe operária sendo mero coadjuvante.

Sobreveio o desmoronamento do "império" soviético a nos revelar países do Leste Europeu, a Rússia em primeiro lugar, engolfados em dificuldades acumuladas ao longo da construção do socialismo: pouco investimento em habitação e em outros setores sociais, degradação do meio-ambiente, culto à obsolescência em produtos de consumo, porque o grosso do orçamento era canalizado para a militarização extrema em clima de guerra fria e na tentativa de consolidar o socialismo. Na realidade o que havia na União Soviética era um capitalismo de Estado, com uma nova classe no poder: os

burocratas e militares.

O sistema, no entanto, exauriu-se por fatores de ordem interna e externa, levando até cientistas políticos do Ocidente a falarem em o fim da História, retomando em suas análises o esquema teórico hegeliano, depois retomado por Marx e todos os marxistas; de tese-antítese-síntese, numa superação dialética dos grandes ciclos econômicos, o socialismo sendo a superação, numa etapa superior, do capitalismo.

A Rússia, que vivia à época da revolução bolchevique um capitalismo atrasado, encontrou na via do socialismo o caminho mais curto para um capitalismo mais avançado. O certo é que esse grande país vive momentos de grande dificuldade; está fazendo a duras penas o aprendizado de como lidar com a economia de mercado; surge uma nova classe de capitalistas bem-sucedidos, e também máfias poderosas surgidas ainda no antigo regime, mas que encontra agora um clima de menos repressão para prosperar. E há um grande contingente de excluídos; de marginalizados.

Mas a Rússia avança em seu frágil caminho democrático, faz seu aprendizado, tenta criar formas novas de existência de Estado.

O dilema posto ao eleitorado se coloca entre um Yeltsin fazendo face a inúmeros problemas de governo, inclusive com uma guerra já moralmente perdida com a Chechênia; um remanescente do antigo regime que empolga parte significativa do eleitorado acenando com a restauração das conquistas do socialismo hoje perdidas; um general nacionalista que ergue a bandeira da moralidade; e um excêntrico demagogo de matiz fascitóide.

Tudo aponta para a vitória de Yeltsin, viabilizada pela aliança político-eleitoral com o general Lebed, segundo colocado no pleito presidencial.

A Rússia continua sendo uma peça importante no tabuleiro do poder mundial, com um lugar importante neste novo mapa de poder. O quadro não é mais de guerra fria; e a Rússia que conta com um imenso território e grandes recursos, inclusive na área científica e tecnológica, reúne todas as condições para descobrir caminhos próprios na construção de uma sociedade economicamente próspera e politicamente livre.

A consolidação da democracia, em qualquer país, só revigora os ideais democráticos no resto do mundo.

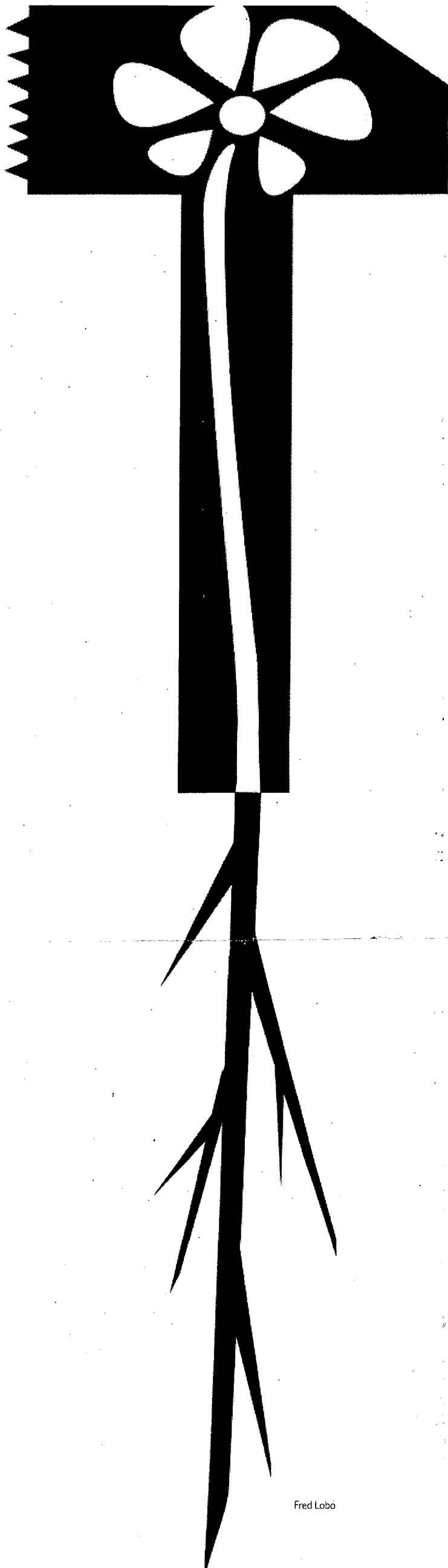
De qualquer modo, a eleição presidencial russa é histórica. É o fim de um ciclo e, qualquer que seja o resultado, a Rússia não será mais a mesma.

O Ocidente não ajudou a transição para a democracia naquele país. Yeltsin, mesmo vitorioso, tem, hoje, os ressentimentos das dificuldades vividas com o mundo ocidental, o que aflorou em seus pronunciamentos de campanha e vai tornar-se claro no seu futuro mandato.

Não nos esqueçamos de que a fase de tranquilidade nuclear que vivemos é fruto da Rússia democrática. Qualquer retrocesso é uma luz vermelha para o mundo.

Enquanto esperamos o que ali ocorre, a Rússia vive os episódios da democracia, já que esmagou as flores que nasciam na Primavera de Praga.

■ José Sarney é presidente do Senado Federal



Fred Lobô